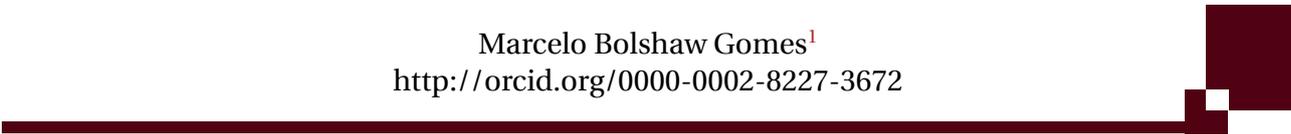


# RISCOS & MONOTONIA: SEMIÓTICA DAS INTERAÇÕES

## RISKS & MONOTONY: SEMIOTICS OF INTERACTIONS

Marcelo Bolshaw Gomes<sup>1</sup>  
<http://orcid.org/0000-0002-8227-3672>



### RESUMO

Resenha do livro LANDOWSKI, Eric. **Interações Arriscadas**. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Centro de Pesquisa Sociossemióticas, 2014.

**Palavras-chave:** comunicação; semiótica; interações.

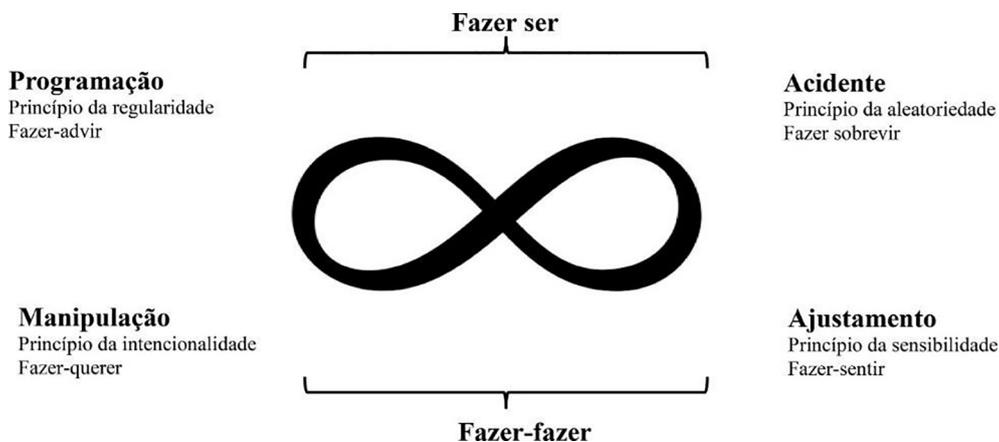
Landowski foi aluno e colaborador de Greimas. No livro *Com Greimas*, Landowski (2017) nos conta seu aprendizado e sua convivência com seu professor, contextualizando detalhadamente cada livro da obra greimasiana. Sua teoria dos regimes de interação é uma ampliação sociológica da teoria dos regimes de significação, desenvolvida em perspectiva linguística pela Escola de Paris. Greimas e Landowski (1981) escreveram juntos o livro *Semiótica e Ciências Sociais* (1981), clássico fundante da teoria Sociossemiótica.

*Interações Arriscadas* (Landowski, 2014) apresenta uma versão aperfeiçoada dessa teoria formada por quatro regimes distintos de interações sociais, em relação à noção de “risco”. O metamodelo de Landowski, além de “sair do texto” (e da teoria de significação) para construir ‘uma analítica de vida’, também transforma o quadrado semiótico em uma espiral no formato do símbolo do infinito, alterando o diagrama de Greimas.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) dessa mesma universidade. Email: marcelobolshaw@gmail.com

**Figura 1** – Os regimes de interação em conjunto



**Fonte:** Extraído de Moreira Mendes (2019, p. 135).

A teoria sócio semiótica de Landowski é formada por quatro regimes distintos de interações: a) a **programação** ou operação (a interação sempre constante e contínua, um algoritmo objetivo); b) a **manipulação** ou estratégia (a interação inconstante e contínua em que a intencionalidade se superpõe ao causal, o efeito do narrado sobre o vivido, por exemplo); c) a **interação de ajuste** (constante e descontínua); e **o fator imprevisível das interações** (o aspecto inconstante e descontínuo). Cada regime corresponde a uma lógica semiótica distinta. A programação corresponde à regularidade. A manipulação é regida pela intencionalidade. O ajustamento funciona por sensibilidade. O acidente corresponde à aleatoriedade.

A **programação** é o primeiro regime de interação. A vida pode ser vista como uma programação de eventos irreversíveis: o sol no transcorrer do dia, as estações durante o ano, o envelhecimento dos seres orgânicos. O tempo é constante e contínuo; e essa regularidade forma a dimensão objetiva da existência.

Há dois tipos ideais de interações de programação (que, na prática, no entanto, são sempre indissociáveis): a regularidade causal ou algorítmica (o “automatismo anônimo”) e a reprodução sociocultural, tipo de interação em que as estratégias de manipulação foram assimiladas e naturalizadas como fazendo parte do programa. É o que Bourdieu (2007) chamou de ‘habitus’: uma ação automatizada como prática social que continua a se reproduzir por ‘esquemas de percepção, de julgamento e de comportamento’ incorporados semi conscientemente pelos agentes.

Landowski admite que esses dois regimes de interação não existem de forma independente, que estão sempre intrincados um no outro, mas os distingue metodologicamente como modos de interpretar – o modelo estrutural determinista e abordagem fenomenológica da intencionalidade que hoje podem ser combinados por uma perspectiva teórica mais abrangente. Essa duplicidade teórica produz conceitos gêmeos: há duas regularidades, dois tipos de motivação, duas sensibilidades e até dois tipos de acaso, como apresentado no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1** – Tipologia ideal das interações de Landowski

	<b>ESTRUTURA</b>	<b>FENÔMENO</b>
<b>REGULARIDADE</b>	Causal ou Algoritmia (Tempo contínuo)	Reprodução sócio cultural (Tempo narrativo)
<b>MOTIVAÇÃO</b>	Aprender a aprender Responsabilidade	Autoprogramação Entusiasmo criativo
<b>SENSIBILIDADE</b>	Homem x Máquina Cinestesia reativa	Homem x homem Empatia afetiva
<b>ACASO</b>	Acidente programado O aleatório ou sorte/azar	Acidente motivado O ruído ou risco

**Fonte:** elaborado pelo autor

Observe-se que Landowski utiliza os conceitos weberianos de “Interação” e de ‘Tipo Ideal’ sem defini-los explicitamente. Seus oito tipos ideais de interação, derivados da duplicação dos quatro regimes do sentido, carecem das necessárias comparações de casos concretos para caracterização desses conceitos.

Então, chegou-se a esses oito tipos de interações ideais: a regularidade causal; a reprodução cultural; a disciplina automatizada pela responsabilidade; o entusiasmo da criatividade; a interação cinestésica; a interatividade pessoal; a capacidade de perceber e corrigir os próprios erros; e, finalmente, a habilidade de viver a vida como uma aventura empoderante, de se qualificar através de riscos e superações, de se tornar protagonista da sua história em comunidade e de conquistar autonomia integrada à inteligência coletiva.

Analisa-se, principalmente, como esses oito tipos ideais de interação podem ser aplicados para compreender “objetos sociais” como um processo de diferentes regimes de interação. Como usar a teoria dos regimes de interação? Na educação infantil, por exemplo, a regularidade causal corresponderia ao desenvolvimento cognitivo da criança. As fases de aquisição da linguagem segundo a epistemologia genética do Piaget e/ou as etapas cognitivas do Wallon.

A regularidade intencional corresponde à ação da família, da escola e da mídia. São três camadas de intencionalidade que incidem de modo desigual e combinado sobre o curso histórico dos acontecimentos. Os dois tipos de motivação são competências modais distintas. Por exemplo: uma motivação se alegra em aprender intuitivamente programas e aplicativos como usuário; a outra se entusiasma programando, inventando novos modos a partir dos utilizados, criando. É a diferença, se elevadas a enésima potência, entre a virtuosidade e o gênio.

Os dois tipos de interação de sensibilidade também são polarizados por Landowski e podem ser observados e aferidos. Uma é a capacidade de interação com as máquinas (e também analogicamente com outros objetos sociais abstratos); a outra, é a interatividade entre as pessoas. Seguindo o exemplo: a sensibilidade do *mouse*, dos dedos na tela, do teclado, da máquina como parte do corpo humano; e a sensibilidade empática - a capacidade de promover a sensibilidade empática no outro, mas também de ser mobilizado por ela.

Finalmente, os dois tipos de interações acidentais: o *acaso programado* decorrente das falhas na programação, que, se estudado estatisticamente, pode ser explicado, corrigido e assimilado pelas interações regulares; e o *acaso motivado* reside na crença de que existe um destino (e que “não existem coincidências”), as adversidades inesperadas existem para nos ensinar. Enquanto o primeiro é objetivo e procura descobrir fatores desconhecidos no imprevisível o segundo é subjetivo, extraindo ensinamentos de suas adversidades. Ambas interações acidentais propiciam o desenvolvimento através do risco, do sujeito que se tornar protagonista da sua vida, vencendo conflitos e situações difíceis em uma narrativa de aventuras empoderante.

Também é possível pensar os quatro regimes de interação como um conjunto de elementos simultâneos que se condicionam, uma rede de relações capaz de distinguir o regular, o intencional, o acidental, o afetivo. Um exemplo do próprio Landowski de como regimes de interação funcionam juntos de ‘modo desigual e combinado’ é o das eleições contemporâneas (Landowski, 2014, 35-37). Os votos fisiológicos (regionais, setoriais) e os votos ideológicos (em partidos de direita ou esquerda) são previsíveis. Porém, o sentimento de insegurança crônica promovido pela mídia faz com que eleitores de esquerda votem na direita e vice-versa. O medo ou mesmo a agressividade recorrente contra objetos de ódio grupal, a interação por contágio emocional, passou a ser decisiva em relação à defesa dos interesses naturais de cada um ou às suas preferências políticas. As eleições alimentam o sentimento de risco e são por ele alimentadas. A guerra e a dança, entre outras atividades, exigem que o eu antecipe as reações do outro, também são exemplos de processos envolvendo os três regimes de interação, com ênfase no ajustamento e na sensibilidade. Porém, embora postule a simetria complementar dos regimes de interação, Landowski enfatiza mais os dois primeiros (ressaltando a interação teórica entre estruturalismo e fenomenologia) que os dois últimos – cujo funcionamento conjunto forma o *Actante Joker* (Landowski, 2014, p. 71) – ponto que carece de uma explicação.

Também é importante esclarecer que, em relação ao terceiro regime de interação, Landowski se distancia bastante de Greimas. O ajustamento não representa a contextualização social do enunciador e do destinatário dos discursos, nem pode simplesmente ser reduzida à adaptação recíproca entre o eu e o outro. Ele também não corresponde ao conceito de ação comunicativa (Habermas, 2003) - uma vez que as racionalidades instrumental e estratégica se assemelham aos dois primeiros regimes de interação. É “a capacidade de sentir reciprocamente. Para diferenciar da competência dita modal, nós a batizamos de competência *estésica*” (Landowski, 2014, p. 50).

O regime de interação por ajustamento é constante e descontínuo. Estamos sempre sentindo, mas em intensidade e durações variadas. O regime de interação por acaso é descontínuo e inconstante, é o oposto completo da regularidade. Da forma como é apresentado, sugere que os dois produzem um ao outro.

A noção de risco, tomada de empréstimo de Giddens (Beck; Lash; Giddens, 1997), já foi chamado de “ruído” tanto por clássicos como Wiener (1954), criador da cibernética, como por autores atuais, como Atlan (1992), que considera o ruído como fator central da auto-organização dos sistemas complexos. Há, no entanto, uma diferença fundamental entre essas abordagens. Os autores do risco (Giddens e Greimas) pensam o mundo como ordem e a vida como um processo irreversível. Já os pensadores do ruído (na verdade, da complexidade) acreditam que o universo está “em entropia”, em uma implosão térmica e que a ordem e o sentido são apenas uma pequena ilha de auto-organização em um oceano de desordem. Eles partem da ideia da vida como descontinuidade e caos. Landowski chama essa forma de pensar de “pós-moderna” em oposição à forma clássica; e pretende englobar ambas em seu modelo.

O certo é que vivemos em uma sociedade de risco para promover o máximo de autonomia dos indivíduos. Desafiamos riscos para nos tornar pessoas melhores e não para fugir da monotonia e do tédio (como os personagens sedutores do romance *Ligações perigosas*, nos quais Landowski inspira seus conceitos). Particularmente, não concordo que a monotonia gera o catastrófico. É a morte (a grande descontinuidade constante) que gera a regularidade da vida. Se fosse pensar o aleatório relacionado aos dois primeiros regimes de interação, diria que há o risco objetivo de morte e das perdas (ou de fim da regularidade); e o risco de não ser amado (e de não ser manipulado).

Mas foi o modelo criado por Landowski que me faz pensar assim. Modelo que sistematiza décadas de pesquisa semiótica e séculos de reflexão filosófica. Modelo que incita a novas interpretações de si próprio. Essa parece ser sua principal intenção, em vez de apresentar uma teoria fechada completa. Daí seu valor incontestável.

## REFERÊNCIAS

- ATLAN, Henri. **Entre o Cristal e a Fumaça**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- BECK, Ulrich; LASH, Scott; GIDDENS, Anthony. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo**: racionalidade da ação e racionalidade social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 2.
- LANDOWSKI, Eric. **Interações Arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2014.
- LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- MOREIRA MENDES, Conrado. Entre o sensível e o inteligível: uma leitura semiótica do episódio Hino nacional, do Seriado Black Mirror. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 128-149, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457337406>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- WIENER, Norberto. **Cibernética e Sociedade**. São Paulo: Cultrix, 1954.